

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 6 de abril de 2011

*Texto de referência: Luigi Giussani, O Senso Religioso,  
Ed. Universa, Brasília, 2009, pp. 59-72 (Senso religioso: ponto de partida)*

- *O meu rosto*
- *La strada*

*Glória*

**Carrón:** É fundamental não perdermos o início do quarto capítulo, porque nos confirma o caminho que estamos tentando percorrer. Sempre nos dissemos que não é um problema de insistência sobre certas palavras, quer dizer, não se trata apenas de repetir certas coisas, mas de surpreendê-las em ação. Aqui, Dom Giussani nos lembra disso mais uma vez com sua habitual preocupação metodológica fundamental: “Nós fomos feitos para a verdade, entendendo por verdade a correspondência entre consciência e realidade, que vimos ser a natureza do dinamismo racional. Vale repetir que o verdadeiro problema no que concerne à busca da verdade sobre os significados últimos da vida, não é o de uma certa inteligência que se faça necessária ou de um esforço especial ou, ainda, o de meios excepcionais para alcançá-la. A verdade última é como encontrar uma linda coisa no nosso próprio caminho: só a vemos e reconhecemos se estivermos atentos. O problema, portanto, é essa atenção”. É um problema de atenção, e isso nos liberta das objeções que cada um pode colocar: “Eu não tenho uma particular capacidade de inteligência, eu não sou capaz de um esforço especial, eu não possuo meios extraordinários”. Não são necessários. Para alcançar o verdadeiro basta a atenção! O método que ele nos propõe é essa atenção, como nos indica, no início do livro, a frase de Carrel: “Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade” (o contrário leva ao erro). Então, nesta noite não é necessário fazer muitos discursos, é preciso contar algo que descobri sobre mim surpreendendo-me em ação. Espero que vocês contradigam essa minha preocupação.

**Colocação:** *O que descobri sobre mim em ação neste tempo foi uma falta cada vez mais viva, como uma nostalgia que me espera no ápice de todas as coisas; e que por causa do trabalho que você está nos fazendo fazer está se tornando uma abertura, a espera de uma beleza e de um bem sem medida. E com esse olhar, algumas vezes me descubro julgando aquilo que acontece, os relacionamentos, as coisas. Dou um exemplo. No último fim de semana fui para o exterior porque minha mulher foi convidada para a festa de cinquenta anos de uma amiga dos tempos de universidade que eu tinha apenas conhecido. Não a víamos há vinte anos, portanto não havia nenhuma grande ligação. Para acompanhar minha esposa, renunciei a um encontro muito importante para mim com os amigos de sempre, porque compreendi que era importante para ela ir com toda a família, senti que aderir ao seu desejo tinha a ver com a necessidade de infinito que eu sentia, e com essa postura, fui. A surpresa foi que experimentei um gosto, uma beleza, e uma letícia inesperada com pessoas quase desconhecidas, mas que reconhecia como testemunhas d’Ele no mesmo caminho, mudadas pelo encontro com Cristo vivo. A beleza humana que vi na tensão recíproca explícita de dizer o Seu nome como origem daquela beleza, e junto com a paz, a letícia e a certeza do meu coração que experimentei, aquelas pessoas me fizeram reconhecê-Lo em ação e provar o valor e o significado da amizade como comunhão que liberta, até mesmo com desconhecidos com quem senti estar no mesmo caminho.*

**Carrón:** O que isso tem a ver com a falta que você disse no início? Não entendo.

**Colocação:** *É a questão da atenção: não poderia estar ali como um turista, era como uma espera de que Ele se manifestasse.*

**Carrón:** Mas isso foi antes ou depois da ação?

**Coloção:** *Durante a ação... Depois, o trabalho deste tempo sem dúvida está educando o coração.*

**Carrón:** Você contou os fatos e depois acrescentou aquilo que quis. Mas, da ação, o que veio à tona? O que emergiu? O que podemos aprender com seu testemunho esta noite, ouvindo aquilo que você disse? Essa é a questão, entende? Não me interessa se dizemos coisas justas ou não, o que me interessa é que aprendamos. E se o objetivo da Escola de Comunidade é fazer vir à tona os fatores constitutivos do meu eu, até agora não ouvimos nada. Obrigado.

**Coloção:** *Duas semanas atrás participei de uma reunião de trabalho onde esteve presente um empresário muito bom, dinâmico, experiente, que eu vi pela primeira vez. E enquanto eu falava com ele a atenção era para evidenciar algum elemento, alguma coisa pela qual a vida não fosse reduzida apenas ao aspecto técnico da reunião. Por isso, aquele foi um encontro. Depois de alguns dias ele me escreveu: “Desculpe-me se me permito a liberdade de não ser formal, não é por falta de respeito, mas pelo respeito que tenho pela sua maneira de pensar e por sua pessoa. Espero poder colaborar com você [ele é um fornecedor e portanto tem interesse em vender, tinha vindo para vender], mas mesmo que você nunca compre nada, não tem importância, porque a vida não se resume a negócios. Espero poder encontrá-la novamente, porque você pode me dar muito mais”. É este “mais” que emerge no impacto com a realidade quando nos vemos em ação. E ele viu isso.*

**Carrón:** E você?

**Coloção:** *Eu também. Fiquei comovida.*

**Carrón:** O que você viu de você?

**Coloção:** *Eu estava ali naquela reunião não como se fosse um parênteses da vida, porque há um desejo...*

**Carrón:** Ou você diz o que descobriu sobre si, ou é inútil falar porque cada um, não importa do que falemos, fala da própria opinião.

**Coloção:** *Descobri que ali não há apenas o fator técnico (portanto, a materialidade de mim), mas uma possibilidade para mim – como Dom Giussani diz aqui – de fazer um caminho em direção ao destino. É isso que...*

**Carrón:** Obrigado. Se vocês não têm nada para contar, fiquem quietos e sentados.

**Coloção:** *Conto uma coisa que aconteceu assim que terminou a última Escola de Comunidade. Fui para casa e um pouco antes de chegar – não sei porque – me veio este pensamento, como uma luz: se neste momento alguém morresse, seria porque o seu destino se cumpriu. Estacionei o carro, subi no elevador, as portas se abriram e vi minha vizinha chorando, porque um querido amigo nosso tinha morrido de repente. Eu me surpreendi em paz, que é um pouco aquilo que caracteriza este período, onde parece que tudo vai onde deve ir. Parecia que Jesus estivesse me pedindo: “Diante desse fato, tente me repetir tudo aquilo que você disse há dois segundos na Escola de Comunidade”. E a minha resposta imediata foi: “Sim”.*

**Carrón:** Obrigado.

**Coloção:** *Até agora, tinha achado o trabalho que você nos propôs no dia 26 de janeiro interessante, mas abstrato, no sentido de que para mim era uma tentativa pessoal de juntar o senso religioso e Jesus.*

**Carrón:** E por que isso? Porque você lindamente ignorou todas as perguntas que eu coloquei aqui! É exatamente por isso que faço as perguntas. Se fazemos o caminho como nos é proposto, como Giussani o propõe, isto é, a partir da experiência, como podemos falar em abstração? A experiência é abstrata? Só podemos falar em abstração se não partimos da experiência, me explico? Então, quando dizemos essas coisas é apenas porque, embora o texto diga uma coisa, nós nos desviamos. Por isso, digo: procuremos estar atentos, porque é exatamente para evitar a

abstração dos pensamentos que devemos olhar aquilo que acontece na realidade, aquilo que emerge na ação. Então, me conte algo de concreto.

**Colocação:** *Duas semanas atrás o eu em ação foi uma revelação para mim. Minha filha de sete anos e meio está em uma fase de grande inquietação. Como mãe, passei por uma série de estados de ânimo, porém, essa dificuldade dela nunca foi um trabalho para mim, nunca foi um ponto para eu olhar dentro da sua pessoa e entender o mistério que ela é (e dentro de mim, para saber que mistério eu sou). Até duas semanas atrás, quando organizei uma noite especial com ela, para levá-la e seus colegas de classe ao cinema. Quando voltávamos para casa, à noite, ela me deu a mão e me disse: “Mãe, não entendo porque esta noite, que deveria ser especial, foi uma das mais ruins”. No início, fiquei irritada, como se fosse uma ingratidão. Depois, porém, me surpreendi tentando entender o porquê da sua tristeza. Começou a fazer uma manha enorme e, no entanto, buscava a minha mão. Então, eu sorri para ela e, naquele momento, vendo que ela começava a chorar, e que aquele choro era um grito de autonomia que porém queria entregar-se à minha presença, entendi do quê sou feita. O eu em ação foi descobrir a entrega a Cristo: que eu tenho necessidade de me entregar a Cristo como minha filha tem necessidade de abandonar-se a mim.*

**Carrón:** E por que você precisa se abandonar a Cristo? Não repetamos as frases...

**Colocação:** *Porque a minha cobiçada autonomia é apenas uma busca de Cristo.*

**Carrón:** Mas a primeira questão que devemos entender é o quê se revela de nós, que coisa se revela da sua filha nesse acontecimento.

**Colocação:** *A necessidade que tenho, a necessidade da presença.*

**Carrón:** Antes de qualquer coisa: a necessidade da qual é constituída.

**Colocação:** *Por causa da qual ela sentenciou uma tristeza de maneira muito aguda: até a noite especial que a mãe preparou para você, o que é?*

**Carrón:** Mas, ao invés de dar a resposta já pré-confeccionada, faça com que ela entenda o que aprendeu com a sua experiência! A experiência que ela viveu dessa falta de correspondência, o que diz sobre ela? O que sua filha pode aprender sobre si mesma, mesmo depois de uma festa tão bem preparada, cuidada, feita com toda a sua ternura?

**Colocação:** *A necessidade que ela é.*

**Carrón:** A necessidade, é isso. Não desvie a atenção para uma outra coisa.

**Colocação:** *E aquilo fez com que eu entendesse a necessidade que eu sou, que como mãe também não posso responder totalmente à sua felicidade.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *E, portanto, o eu em ação, que é sempre centrado em mim mesma, tornou-se o Tu de Cristo ao qual me entregar.*

**Carrón:** Repito mais uma vez: não nos apressemos em ir em frente! Detenhamo-nos nisso: emergiu qual é a natureza do seu eu, quais são os fatores próprios da vida.

**Colocação:** *Gostaria de contar um fato estranho que aconteceu comigo e que me fez entender o quanto sou ideológica e esquemática na maneira de olhar para o meu coração e o dos outros. Pela primeira vez na minha vida, comecei a trabalhar com duas pessoas que tinham cometido graves crimes na juventude. Um por motivos políticos, o outro por motivos passionais. No meu relacionamento com eles dei-me conta de que eu tratava melhor o primeiro porque considerava o seu desejo de justiça social mais nobre do que o desejo passional do outro, fazendo a classificação dos desejos do coração – porque me parece que aprendi que também são os desejos do coração que nos fazem cometer certos pecados –. Então, disse a mim mesma: provavelmente eu também olho para mim mesma de maneira esquemática e ideológica. É realmente verdade que preciso voltar a olhar do zero o que eu desejo e o que aconteceu na minha vida.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** Comecei a semana pensando que tudo aquilo que eu precisava chegaria de uma determinada coisa.

**Carrón:** Perfeito, uma imagem. E o que aconteceu?

**Colocação:** Aconteceu que essa coisa, já na segunda-feira se desmoronou, e portanto, comecei a semana de maneira difícil, não esperando mais nada. Lia a Escola de Comunidade e dizia: sim, mas atento a quê, se aqui não acontece nada? E estava um pouco crítico também em relação à sua pergunta. Depois, por causa do trabalho, passei dois dias intensos com dois colegas que gostam muito de mim, e entendi o que quer dizer o empenho com a realidade inteira. No relacionamento com essas duas pessoas percebi outra vez que preciso ser sério com a minha vida, porque vejo como eles se iluminam. E portanto, por consequência, eu também despertei em relação a tudo.

**Carrón:** A partir dessa sua seriedade, desse seu empenho com a realidade, o que você descobriu sobre você?

**Colocação:** Descobri que eu, antes mesmo de certas coisas, como aquilo que eu esperava daquela semana, preciso levar a sério o meu desejo, porque quando levo a sério o meu desejo, até as coisas mais cotidianas começam a ter um significado. Dá para entender?

**Carrón:** Sim, as coisas começam a ter um significado. E você? Porque, aqui, Dom Giussani diz que o eu se revela no empenho, e que alguém que está desocupado não entende os fatores constitutivos do próprio eu. Eu digo: você, empenhando-se, o que descobriu sobre você?

**Colocação:** Descobri que a seriedade que eu preciso ter com a vida é a seriedade com as coisas, com cada uma delas, do modo como chegam a mim, isto é, que não são os momentos excepcionais...

**Carrón:** Concordo, mas essa já é uma generalização. Você precisa me contar um fato a partir do qual, empenhando-se, emergiu algo da sua consciência, porque essa é a questão. Não é que tudo aquilo que você disse não seja verdadeiro. O problema é que não emerge à nossa consciência, e por isso, numa outra vez partiremos de uma outra imagem, porque se você não aprende algo sobre si, da próxima vez vai estar no início, sempre.

**Colocação:** Descobri que... Descobri que enquanto estava com eles, estava presente naquilo que fazia. Não dizia: vou eliminar esse pedaço da realidade. Não foi assim?

**Carrón:** Sou eu que devo dizer para você? É você que está me contando!

**Colocação:** Não, digo, foi isso que aconteceu.

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** Meu marido está sendo demitido. E isso gerou muita ansiedade nele. Estou preocupada, temos três filhos, comecei a pensar em todas as consequências disso. Sou professora e não consigo deixar de me preocupar com isso. Mesmo quando preparo as aulas percebo que tenho o desejo de descobrir onde está o bem dentro dessa situação difícil. E esta manhã, na aula, um dos meus alunos, a um certo ponto, começou a perturbar a aula e o mandei sair da sala. Depois, por sugestão de uma amiga, saí com ele ao pátio da escola e perguntei o que estava acontecendo, e ele me contou sobre um gravíssimo problema familiar. Eu o tinha chamado para repreendê-lo, mas me vi pensando no grande problema de meu marido. “Olha, eu também estou passando por uma coisa que eu não tinha previsto e que está me fazendo sofrer muito, mas descobri que é possível caminhar junto com isso. Porém eu sei, porque estou vendo isso em mim há um tempo, que sou amada por Alguém que me demonstrou e está me demonstrando de todas as maneiras. Existe Alguém em quem posso apoiar tudo e de quem posso ter certeza, mesmo agora que não O vejo na dureza do problema do meu marido. Tenho certeza disso, e é a única coisa que também chega a você na sua dificuldade, você não está condenado pelas circunstâncias porque há uma possibilidade de bem também para você”.

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Uma colega ficou grávida, então, surgiu o problema de quem iria cobrir seus turnos. Isso ameaçou uma série de privilégios que nos últimos anos procurei defender. No início, não desisti de defendê-los. De fato, quando outra pessoa se ofereceu para cobri-la, a reação foi: estou salva. Pena que a partida com o Mistério ainda não tinha terminado ali. No dia seguinte, essa colega chegou chorando porque outros colegas riram do seu desejo construtivo em relação ao trabalho. Diante dela, senti um contragolpe que ainda preciso conseguir explicar melhor, algo que me consumia: quem é essa à minha frente que tem esse desejo de trabalhar bem? Não sei explicar direito e disse ao Mistério: é inútil ganhar uma perfeição abstrata, se não estou disponível ao modo com o qual Tu intervêns na minha vida. Estava ali, pronta para defender a minha posição na empresa, mas percebia que outro fator se introduzia. E disse ao meu chefe: “Eu cubro o turno”. Nessa semana, agindo assim, comecei a respirar. Trata-se de uma modalidade um pouco mais cansativa em relação àquilo que eu tinha em mente, porém, o que me impressiona é que...*

**Carrón:** O que você aprendeu sobre você?

**Colocação:** *Aprendi que no fundo, nem mesmo a carreira, a posição – como dizer – de perfeição, responde e me dá aquele respiro que Ele me deu introduzindo essa dramaticidade. E a coisa que me impressiona é que não é que agora tudo esteja claro, porque me parece que não tenho mais o domínio sobre muitas coisas.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Volto ao episódio do nosso amigo que morreu de repente. No dia seguinte, quando fui visitar sua mulher, ela veio ao meu encontro e disse: “Você deve pedir o milagre”. Eu a abracei e disse: “Peçamos juntos o milagre a Dom Giussani e a Nossa Senhora porque tenho certeza de que o milagre acontecerá, mesmo que não seja como o imaginamos”. O que entendi de mim é essa certeza. Se no último encontro você não tivesse lido o Cartaz de Páscoa, essa certeza no fato de que Ele ressuscitou... Veio-me em mente quando Ele perguntou a Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida, você acredita nisto?”. E eu digo sim, embora haja um grande mistério.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Comecei a trabalhar ao lado de uma colega que não dá confiança a ninguém. Trabalhamos durante quatro horas lado a lado até a pausa do almoço e, finalmente, começava a se desbloquear a situação entre ela e eu. Retornei depois de meia hora e ela tinha voltado a ser uma estranha, como às oito da manhã. Tive um impulso de ternura por ela e por mim. Contei a um amigo, que me disse: “Então, você se deu conta de que existia, do eu em relação com o tu”. Essa ternura cresceu a ponto de, nesses dias, dar-me conta de toda a estraneidade que existe...*

**Carrón:** E por que existe essa estraneidade? Por que não somos bons o bastante?

**Colocação:** *Não. Por dois motivos, respondi a mim mesma. Em primeiro lugar, porque preciso que me reaconteça... Não, essa é a segunda resposta. A primeira resposta é que não existe a atenção a mim, isto é, continuo a não me olhar, a não ir a fundo de mim mesma. E a segunda é que, no entanto... Não, não estou respondendo à sua pergunta.*

**Carrón:** Obrigado por admitir.

Olhem a dificuldade que tivemos esta noite, coisa que não me assusta em si. Mas isso quer dizer que ainda não estamos fazendo aquilo que Dom Giussani nos propõe: olhar a experiência para surpreender os fatores constitutivos do eu. É isso o que ele diz, não? Porque na maioria das vezes o que prevalece são as imagens que temos de nós mesmos, a maioria das vezes nós pensamos que a vida deveria funcionar. Mas se somos leais, devemos admitir que, depois, na experiência, mesmo quando as coisas funcionam segundo o nosso projeto, descobrimos em nós algo antes desconhecido. Poderia dar muitos exemplos. Muitas vezes contei sobre aquela amiga

da comunidade de Barcelona que trabalhava no Consulado Italiano e tinha paixão pela pintura. Seu sonho era poder fazer uma grande exposição para mostrar suas telas. Finalmente, a fez: sucesso extraordinário. Depois, me contou: “Assim que terminou, passei a tarde inteira chorando”. Por quê? O que descobriu de si que não sabia antes? Ela tinha uma imagem de si, do seu desejo, da sua exigência: “Se eu conseguir fazer isso, será o fim do mundo!”. Tinha acontecido, e muito além das expectativas. E, depois, chorou durante toda tarde, porque percebeu que nem mesmo aquilo era suficiente para preencher a própria espera estrutural. Isso é descobrir-se em ação. Não é preciso uma inteligência particular, um esforço particular: observando-se em ação, surpreendeu-se descobrindo de si algo que tinha aprendido teoricamente, por ter lido, mas que emergindo da experiência tornou-se uma novidade existencial. Isso nos aconteceu alguma vez nesses quinze dias, a partir de fatos absolutamente normais da experiência? O que nos surpreendeu? É um problema absolutamente simples, mas se não nos damos conta, depois da experiência continuamos agarrados à imagem que temos de nós e à imagem que temos do quê pode nos realizar. Se não partimos da experiência e não surpreendemos em ação o emergir de todos os fatores do nosso eu, não estamos presentes nisso, e depois dizemos “Cristo” de maneira postiça. Não é que Dom Giussani não queira chegar ali, até o ponto de dizermos o Seu nome, mas quer que cheguemos aí de modo tal que O percebamos como a impossível correspondência àquilo que nos surpreendemos desejando com as vísceras, senão a fé será reduzida e algo colado. Basta que cada um pense em quantas tentativas fez, em quantas imagens perseguiu nesses quinze dias, e se dará conta até que ponto a imagem determina a vida. Não estamos buscando apenas trabalhar sobre o nosso senso religioso, mas trabalhar sobre o nosso senso religioso como verificação da fé! Em outras palavras: depois do encontro com Cristo isso deveria ser multiplicado infinitamente. No entanto, a partir daquilo que vimos esta noite, é praticamente ausente como percepção de si. Estava relendo, nesses dias, o comentário de Dom Giussani sobre a oração do *Angelus* publicado em *Toda a terra deseja o Teu rosto* (Ed. San Paolo, Lisboa, 2000) onde descreve a percepção que Maria teve de si: “Toda a personalidade de Nossa Senhora origina-se do instante em que lhe foi dito: “Ave, Maria” [...]. Desde o instante do anúncio [Maria] assumiu o seu lugar no universo e diante da eternidade. Estabeleceu-se uma fonte de moralidade totalmente nova em sua vida. Originou-se [é isso o que me interessa, em particular] um sentimento profundo de si, misterioso: uma veneração de si, um senso de grandeza comparado apenas ao senso do seu nada, do qual nunca tinha pensado desse modo”. Dá para entender? O encontro de Nossa Senhora com aquele anúncio a fez descobrir a percepção de si: um senso da sua grandeza comparado apenas ao senso do seu nada. E vemos isso em muitas passagens do Evangelho. Como o episódio da pesca milagrosa narrado no capítulo cinco do Evangelho de São Lucas. Pedro trabalha a noite inteira, depois chega a grande pesca, revela-se nele toda a desproporção, e ele cai de joelhos: “Afasta-te de mim, porque sou nada”. Pedro entende ainda mais a si mesmo diante da imponência da Presença, que é exatamente aquilo que Dom Giussani sempre nos diz: a experiência cristã deveria nos dar uma consciência ainda mais potente dos fatores constitutivos do nosso eu. Nós cantamos isso no início: “Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim”. Se nós não surpreendemos isso é porque aquilo que mais nos falta – voltaremos a isso nos Exercícios da Fraternidade – é o senso do Mistério. E podemos ver isso pelo fato de que nós, no fim, buscamos a satisfação da vida aonde a buscam todos. Essa é a verificação invertida: em muitas ocasiões nós, não deixando emergir na experiência todo o senso do nosso eu, achamos que podemos responder ao problema da vida como todos respondem, e vamos atrás das coisas como todos... Mas, que espetáculo quando nos encontramos diante de uma pessoa – como aconteceu comigo esta semana – que tem este senso do Mistério! Essa pessoa me falava da cena de um filme em que acontece um belo almoço de aniversário em família: o marido está todo contente e orgulhoso, a mulher é dominada por um senso de desproporção. E me dizia: “Eu também, como aquela mulher do filme, experimento uma falta que não consigo extirpar. E eu não suporto mais certas conversas banais, certas maneiras de estar juntos”. “De quê é falta, essa falta?”, perguntava Luzi em uma

poesia sua. Isso não é surpreendido se fazemos “exercícios espirituais”, mas durante um almoço, observando-nos em ação, descobrindo em ação este senso de desproporção que é o sinal daquilo que somos. Se nós não damos espaço para essa atenção, para o emergir desses fatores constitutivos do nosso eu, o que acontece é que as imagens que nós fazemos da vida prevalecem, e somos como todos. Porém, o Acontecimento cristão é algo presente, como diz o Cartaz de Páscoa: “O acontecimento é aquilo que desperta o presente, define o presente, torna possível o presente”, isto é, torna possível aquele senso do Mistério, aquele senso de veneração de si, aquela consciência da desproporção, aquele desejo sem fim. Nós sofremos dessa falta ou temos o encefalograma chato? Fomos realmente despertados pelo Acontecimento? Deveríamos ver isso claramente exatamente no trabalho sobre esse capítulo de *O Senso Religioso*, em termos análogos a como Giussani fala de Nossa Senhora. Sem nos escandalizarmos, vejamos que longo caminho ainda temos a fazer... E, então, usemos as próximas semanas para retomar tudo aquilo que trabalhamos a partir de 26 de janeiro até o Cartaz de Páscoa.

Para a próxima Escola de Comunidade retomaremos a introdução dos Exercícios da Fraternidade.